



A valorização do trabalho das mulheres na comunidade do Igarapé Combu, Ilha do Combu-Pará

Valuing women's work in the Igarapé Combu community, Combu Island-Pará

Adrielly Albuquerque da Silva, Especialista GESAM, UFPA,
adriellyalbuquerque@yahoo.com.br;
Angela May Steward, Doutora, UFPA, angelamay@ufpa.br

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar a atuação das mulheres da Comunidade do Igarapé Combu da Ilha do Combu (PA) e analisar as mudanças ocorridas na organização do trabalho no âmbito familiar. Para realização desse estudo, foi levantada uma revisão teórico-conceitual sobre gênero, trabalho familiar rural e divisão sexual do trabalho. Posteriormente, realizou-se o trabalho de campo para observação da rotina das famílias, principalmente das mulheres e a efetuação das entrevistas com roteiros semiestruturados. A pesquisa constatou que as mulheres da comunidade do Igarapé do Combu têm representatividade na economia da comunidade e grande parte das pesquisadas sustentam a família, ocupam atividades no extrativismo e também trabalham no turismo local. Porém, as análises do cotidiano das mulheres mostraram que as mesmas são as únicas responsáveis pelas atividades domésticas no âmbito familiar. Já as mudanças ocorridas são expressivas tanto a relação de trabalho e o modo de vida dos moradores.

Palavras-chave

Relação de gênero; Divisão do trabalho familiar; Amazônia.

Abstract

This article aims to present the performance of women from the Igarapé Combu community (PA) and analyze changes in how work is organized within the family. To conduct this study, a theoretical-conceptual review on gender, rural family work, and sexual division of labor was conducted. Subsequently, fieldwork was carried out to observe families' routines, especially women's daily work; semi-structured interviews were also carried out. Research found that women from the Igarapé Combu community work in a way that is representative of the community economy and most of the women interviewed support their families, engage in extractive activities, and also work in local tourism. However, the daily analysis also demonstrated that women are solely responsible for household chores. The changes occurring in the community are expressive of residents' work relationships and lifestyles.

Keywords

Gender relationships; Division of family work; Amazonia.

1. Introdução

O não reconhecimento do modo de produção doméstico, em uma economia orientada ao consumo no meio rural, contribui para a ‘invisibilidade’ do trabalho da mulher na agricultura familiar (MESQUITA, 2013). Reconhecer a participação das mulheres rurais na composição da renda familiar, é valorizar o seu trabalho, desempenhado dentro e fora da unidade familiar e como agentes ativas na economia.

Para entender as relações de trabalho, compreende-se as atividades realizadas pelas mulheres que vão além dos espaços domésticos como as roças, o artesanato, o extrativismo, a criação de animais, cultivo de plantas medicinais entre outros. Porém as mulheres ainda estão associadas apenas às atividades domésticas e os homens responsáveis pelas atividades produtivas e extrativistas. Na realidade, o trabalho doméstico das mulheres rurais não é reconhecido como parte contribuinte na composição da renda familiar.

Silva e Portella (2004) descreveram que “o trabalho agrícola das mulheres é concebido como “ajuda” porque é considerado fora de sua atribuição própria, que são as atividades domésticas, mas por se realizar com frequência diária, é associado e quase se confunde com estas. Ainda, as mesmas autoras consideram que “essas definições existem no senso comum e orientam o cotidiano das pessoas envolvidas em atividades agrícolas, negando o valor propriamente econômico do trabalho das mulheres”.

O que acontece de fato, é a dupla jornada de trabalho das mulheres, pois mesmo que realizem atividades agrícolas ou as não-agrícolas, o trabalho doméstico ainda será sua responsabilidade, mesmo que algumas tarefas sejam divididas por outro membro da família (ARO; FERRANTE, 2013). Para subversão desse cenário, é necessário a socialização em espaços de lazer, na família, na escola, na comunidade e principalmente formar espaços sociais e organizativos, colaborando para mudança da realidade das atividades que a realizam e a partir disso serem protagonistas do trabalho que desempenham.

Conceitualmente o campesinato brasileiro para Sales e Porro (2014) é diverso, sendo a região amazônica um local de encontro de várias categorias deste campesinato como: garimpeiros, seringueiros, pescadores tradicionais, atingidos por barragens, povos da floresta, quilombolas, varzeiros, ribeirinhos; mas, o que nos cabe ressaltar deste

campesinato amazônico para o decorrer do trabalho, seria o campesinato das ilhas e dos rios.

Esta pesquisa buscou identificar o trabalho das mulheres da Comunidade do Igarapé Combu, na Ilha do Combu. A comunidade vem passando por processos de transformações tanto na sua paisagem quanto na relação de trabalho, devido à proximidade e demanda da região metropolitana de Belém.

Diversas autoras têm contribuído com pesquisas sobre a participação das mulheres no meio rural. Em um recorte do trabalho das mulheres das ilhas de Belém, a tese da autora Côrte Brilho (2015) contribuiu para discussão dos estudos sobre divisão sexual do trabalho e principalmente o trabalho das extrativistas e do trabalho doméstico.

Em relação a área desta pesquisa, embora encontre-se estudos sobre a Ilha do Combu (DERGAN, 2006; RÊGO, 2013; CIRILO, 2013), não se encontrou estudos que abordem especificamente sobre as mulheres extrativistas, o seu trabalho no âmbito familiar e na comunidade. O turismo comunitário é uma atividade econômica que vem crescendo na ilha, com importante papel desempenhado pelas mulheres. Mesmo assim, seu papel ainda está “invisibilizado” nessa atividade.

O artigo busca um olhar sobre o trabalho das mulheres na Ilha do Combu, e espera-se que a partir deste seja despertado o interesse sobre temas que abordem o protagonismo das mulheres nas/das ilhas Amazônicas. Visa-se sobretudo, dar reconhecimento ao trabalho das mulheres seja dentro da unidade familiar seja fora da unidade, assim como a representatividade das mesmas na economia. Assim, o artigo levanta os seguintes questionamentos: Quais as atividades desenvolvidas pelas mulheres da Ilha do Combu e quais as mudanças na organização trabalho no âmbito familiar? Desse modo, o objetivo desse artigo é compreender a organização do trabalho das mulheres da Ilha do Combu e analisar as mudanças ocorridas na organização do trabalho no âmbito familiar.

2. Referencial teórico

2.1 Gênero, trabalho e divisão do trabalho

O conceito de gênero surge exatamente para romper o determinismo biológico na atribuição de papéis sociais, se consolidando como um importante instrumento analítico para dar visibilidade ao caráter histórico e sociocultural dos papéis e dos espaços masculinos e feminino ao revelar as bases materiais e simbólicas das desigualdades entre

homens e mulheres (CAMPOS, 2011).

Pereira e Rambla (2011) apontam o gênero como essencial para compreender a dinâmica do desenvolvimento em todas as suas dimensões, já que revela aspectos básicos da organização e distribuição da produção e do trabalho. Em uma análise histórica Côrte Brilho (2015) escreve que:

[...] o assunto trabalho e mulheres na Amazônia é complexo, pelo contexto do campesinato amazônico, foram delegadas as análises clássicas de interpretação sobre o trabalho e o capital no contexto da visão eurocêntrica do desenvolvimento, androcêntrica e sexista. As interfaces históricas desta realidade são obscurecidas pela economia de mercado, responsável por considerar as atividades produtivas e extrativistas das famílias camponesas amazônicas e populações tradicionais como práticas “invisíveis” de trabalho e de vida.

O que define o trabalho doméstico, no âmbito rural, é o tipo de atividade e não o espaço de sua realização, por exemplo as atividades como lavar roupa ou apanhar lenha, ocorrem fora do espaço residencial (SILVA e PORTELLA, 2004). Para Mesquita e Almeida (2017), as atividades domésticas são pouco valorizadas devido a escassa ou nenhuma participação na geração de renda, em algumas famílias a mulher procura assumir sozinha ou com a ajuda das filhas as responsabilidades da tranquilidade do lar, por medo de perder o domínio no espaço doméstico considerado como sendo seu, onde tem maior liberdade para exercer sua territorialidade. Sobre a territorialidade feminina a autora esclarece que:

[...] se constrói cotidianamente pela apropriação simbólica e afetiva do espaço e pelas relações de poder e também de solidariedade estabelecidas com os sujeitos. As mulheres, com os seus conhecimentos e experiências usam e controlam o território em busca de melhor qualidade de vida para a sua família.

Quando o trabalho doméstico assume o caráter de trabalho produtivo e gera receita para a família, o discurso sobre a participação dos membros da família assume outra entonação. Agora esse trabalho (que era doméstico) passa a ser necessário e vital para a atividade produtiva, logo, ele é valorizado econômica e socialmente, o que não acontece quando este trabalho é de diarista e/ou prestações de serviços (LUNARDI, 2012).

Porém, no que diz respeito ao trabalho feminino, algumas atividades apenas reafirmam a divisão sexual do trabalho, como o turismo. Lunardi (2012) consideraram que o turismo é a reorganização das tarefas domésticas e produtivas, mas, inseriu a mulher no mercado de trabalho e possibilitou novos espaços de socialização. No entanto, essa inserção no trabalho ainda estar baseada nos conceitos de “sexo” e “gênero”.

A pluriatividade, que implica que as famílias e os indivíduos passem a combinar ocupações em atividades agrícolas com outras não-agrícolas, dentro e fora da propriedade. Conforme Silva e Schneider (2010), a pluriatividade passa a ter relevância no meio rural, por representar uma alternativa para a atividade agrícola para as mulheres de todas as idades, valorizando o seu trabalho e, possibilitando autonomia e maior socialização, principalmente quando o trabalho é exercido fora da propriedade.

2.2 Ribeirinhas, trabalho e modo de vida

Os povos da Amazônia são representados por uma forte simbologia seja ela cultural, social ou de trabalho. As terras e águas são elementos constitutivos dessa cultura. As águas são dominantes na vida dos ribeirinhos e na paisagem amazônica, identificada/caracterizada pelos caudalosos rios e afluentes, igarapés, furos e paranás, que correm na “verdejante imensidão regional” (BATISTA, 2010). Para Harris (2006) a identidade dos ribeirinhos é produto do que são no presente, e contrasta-se com o que foram no passado recente.

Para entender as formas de trabalho, seja ele doméstico ou de produção, é necessário a configuração dos grupos domésticos e as relações de parentesco. Harris (2006) conceituou essa relação:

[...] as relações produtivas camponesas são baseadas em torno do parentesco (isto é, são localmente geradas). Isso indica que, como as comunidades e os povoados rurais ribeirinhos são formados por laços de parentesco, eles são genuinamente formas locais. As relações de parentesco e os casamentos possibilitam o controle contínuo do acesso aos recursos próximos, como terras, lagos e rios.

Essas populações reúnem e desenvolvem formas de saber e práticas específicas atuando sobre os variados agroecossistemas, acumulando conhecimentos e habilidades diversas acerca do complexo *roça-mata-rio-igarapé-quintal*. Em muitas comunidades da várzea amazônica são as atividades pesqueiras e agrícolas que regem a economia local (AMARAL, 2016). Rodrigues *et al.* (2015) afirmaram que as mulheres ribeirinhas:

[...] constituem elemento chave como detentoras de um conhecimento específico, ao mesmo tempo em que sustentam a forma de organização familiar e comunitária, não só no âmbito do saber-fazer, mas, sobretudo de preservação da cultura imaterial existente nestes contextos, tendo em vista que são elas as “guardiãs” e principais responsáveis pela transmissão e/ou ensino destes conhecimentos/saberes par as gerações presentes e futuras.

A vivência diária das mulheres em atividades da produção agroextrativista nos traz importantes informações sobre como elas reinventam diariamente as formas de cuidar da vida (AMARAL, 2016). A extração do açaí e do palmito, por exemplo, é uma prática da vida ribeirinha, que, aliada ao extrativismo do cacau, da borracha, da castanha, entre outras culturas, além da criação de galinha, porco, pato etc., formam a identidade ribeirinha (BATISTA, 2010).

Sobre o trabalho das mulheres ribeirinhas, a pesquisa da Amaral (2016) realizada nas ilhas de Abaetetuba constatou que o artesanato como de cuias e das rasas são afazeres das mulheres. O processo de confecção das cuias é iniciado desde das meninas mais novas passadas pelas mais velhas e as tecelagem das rasas requer conhecimento e técnicas que as mulheres aprendem umas com as outras, como cestos, peneiras, balaios. Rodrigues *et al.* (2015) complementam “são detentoras de um “*sabe fazer*” singular, construído, sobretudo a partir do estabelecimento da relação com a natureza, tendo suas bases fíncadas, sobretudo, na tradição oral”.

Fechine (2008) explana que a condição de invisibilidade do trabalho feminino nas comunidades ribeirinhas, vem acarretando problemas para o acesso das mulheres às políticas públicas, como a dificuldade de reconhecimento na condição de trabalhadora rural, quando se trata de mulheres que não estão politicamente organizadas. Entretanto,

são necessárias pesquisas que envolvam o reconhecimento do trabalho das mesmas e a organização social que elas estão inseridas.

3. Metodologia

3.1 Descrição da área de estudo: comunidade de análise

A área de estudo está localizada na Área de Proteção Ambiental da Ilha do Combu, situada na foz do rio Guamá, a 1,5 km ao sul do município de Belém, portanto estando sob influência deste, margeada ao norte pelo Rio Guamá, ao sul circundada pelo Furo São Benedito, à leste pelo Furo da Paciência e à oeste pela Baía do Guajará. A extensão da Ilha do Combu é de aproximadamente 1.500 ha (15 km²), e sua área apresenta características ambientais do estuário amazônico (CIRILO, 2013).

A comunidade do Igarapé Combu, é geograficamente localizada nas margens do Igarapé Combu e seus afluentes, e é a comunidade mais antiga da APA da Ilha do Combu. A escolha da área se deu pelo fato que entre as comunidades da Ilha do Combu, a comunidade Igarapé Combu foi aonde ocorreu uma grande mudança em relação ao trabalho, devido a facilidade do acesso a comunidade e devido ao crescimento do turismo nessa comunidade. O mapa da APA e área da pesquisa está indicada abaixo (Figura 1):

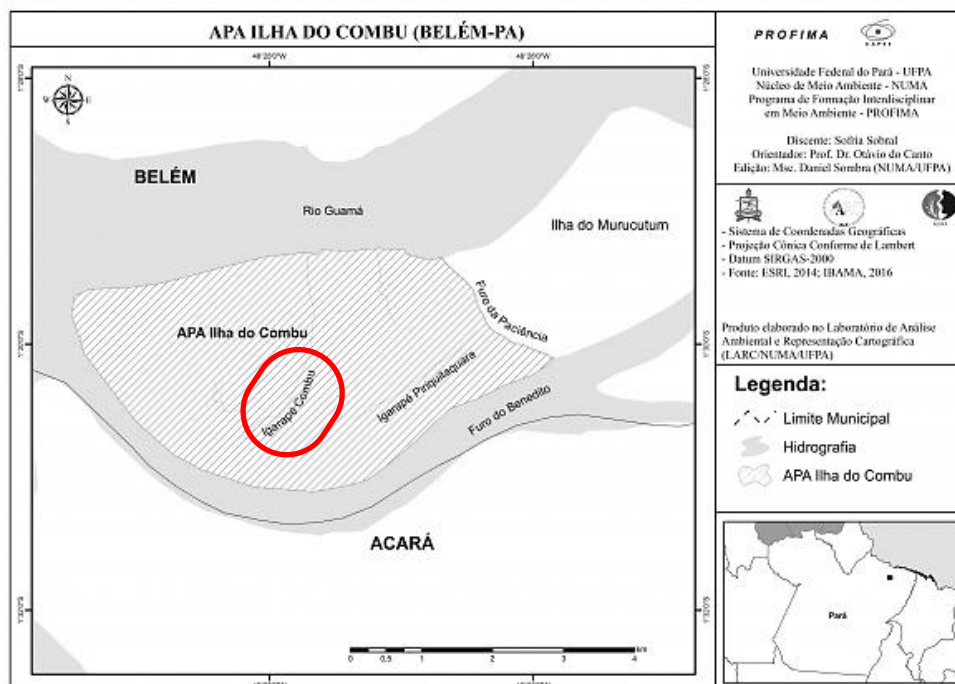


Figura 8- Mapa da Ilha do Combu, Belém (PA).

Fonte: Núcleo de Meio Ambiente, UFPA.

3.2 Processo de ocupação

Há divergências sobre ocupação da ilha entre dados encontrados nas pesquisas realizadas, entretanto trago as contribuições de Cirilo (2013). Segundo o mesmo “não há referências históricas, porém, existem documentos históricos de doações regulamentadas de terrenos em ilhas próximas, datados a partir de 1786”. Batista (2010), publicou que a “Ilha do Combu é um lugar que serviu de refúgio para índios e escravos, por estar isolada e desocupada na época da colonização”.

A ilha é dividida em quatro comunidades: comunidade do Igarapé Combu, comunidade Santo Antônio ou do Igarapé do Piriquitaquara, comunidade Beira Rio e comunidade do São Benedito. Segundo Dergan (2006) aponta que as quatro comunidades são constituídas pela maioria de mulheres, enquanto Cirilo (2013), demonstra que as mulheres são as principais responsáveis (43%) pela geração de renda da família, estando inseridas em atividades de extrativismo, pesca e serviços.

Sobre a identidade da população Batista (2010) descreveu como:

[...] o saber repassado de geração à geração, formou a identidade social das habitantes. Além do intercâmbio com a população da região metropolitana de Belém, diariamente, participando das feiras livres, sendo um movimento cultural contínuo e rico. E, que até um certo momento não estava inserida no contexto principal de progresso econômico no qual estava a região urbana de Belém, se constituiu em um território dinâmico.

3.3 Procedimentos de campo

As fases de pesquisa foram: revisão bibliográfica, campo exploratório e pesquisa de campo. Após o levantamento bibliográfico, precisou-se fazer uma visita na comunidade, o que foi realizado no dia 3 de março, para observar a dinâmica da comunidade e fazer uma sondagem sobre os trabalhos que estavam sendo realizados, principalmente por mulheres. Também foi necessária uma entrevista não dirigida¹.

Com isso, foi possível delimitar a pesquisa e construir um roteiro de campo,

¹ Entrevista não dirigida dar liberdade total por parte do entrevistado, que poderá expressar suas opiniões e sentimentos. A função do entrevistador é de incentivo, levando o informante a falar sobre determinado assunto, sem, entretanto, força-lo a responder (MARCONI; LAKATOS, 2003).

levando em questão as possíveis situações que poderia encontrar. O roteiro foi construído por perguntas norteadoras que versaram sobre: trabalho realizado pelas mulheres, construção da trajetória de vida e a dinâmica familiar, além de compor o quadro socioeconômico e as fontes de rendas.

A segunda ida a campo se deu nos dias 16 a 18 de maio, com o objetivo de vivência com a comunidade para observações do cotidiano dos habitantes, especialmente para o preenchimento dos roteiros semiestruturados² e a construção da história de vida³ das entrevistadas. Foram realizadas dezenove entrevistas com as mulheres de faixa etárias diferentes, de relações sociais diferentes e de perspectiva de vida diferente. A vivência nesses dias facilitou a confiança e interação com a comunidade, principalmente com a Sra. Neusa Custódio, a mulher que me hospedou, as conversas informais ajudaram a compreensão de algumas relações e mudanças que ocorrem na comunidade. Uns dos instrumentos da pesquisa se baseia em observar o cotidiano da comunidade e principalmente a rotina das mulheres, as observações em um dado momento era participante e no outro não-participante.

A escolha das entrevistadas dependia da disponibilidade de cada moradora, de acordo com a rotina diária, então algumas perguntas do roteiro foram preenchidas por observação do cotidiano ou de forma direta.

As entrevistas foram realizadas na casa das entrevistadas onde era possível observar a dinâmica da família. Em algumas famílias as casas eram próximas, o que facilitou as observações sobre as mudanças ocorridas na relação de trabalho de mãe para filha.

3.4 Sistematização e análise dos dados

A fase da organização dos dados foi feita primeiramente pela transcrição das entrevistas. A organização das ideias, permitiu que os fatos e os dados das entrevistadas fossem lembrados. Após isso foi escolhida para uma análise da trajetória da vida três

² Roteiros semi-estruturados é quando o pesquisador apenas coloca alguns tópicos para o pesquisado expressar o que pensa sobre eles (MARSIGLIA, 2006).

³ Histórias de vida: é um tipo particular de entrevista, em geral uma série delas, em que se busca reconstituir a vida toda, ou uma fase ou um aspecto da vida da pessoa (como profissional, como paciente, como docente, como estudante) e permitem também ao pesquisador perceber as concepções que as pessoas têm de seu papel e de sua participação nos grupos sociais dos quais fazem parte (MARSIGLIA, 2006).

entrevistadas, a mãe que morava sozinha e suas duas filhas, que moram próximo umas das outras. Essa família foi escolhida porque podemos observar diferentes relações de trabalho e as mudanças ocorridas. Também foi construído um quadro sobre as atividades domésticas e a frequência da participação de cada membro da família e um sobre as atividades de trabalho geradoras de renda familiar.

4. Resultados e discussão

4.1 Organização do trabalho doméstico

A rotina de trabalho tem início na preparação do café da manhã, logo nas primeiras horas da manhã e se estende a diversos afazeres doméstico ao longo do dia. As responsabilidades para realizar essas atividades domésticas são atribuídas as mulheres e as crianças, o que é considerado um fato comum entre as famílias. Os homens não assumem as tarefas domésticas e isto além de sobrecarregar as mulheres transfere algumas atividades para as crianças. As crianças (6 a 12 anos) participam tanto no trabalho doméstico quanto no extrativismo, como a debulha e a limpeza dos frutos. Após essa idade, as meninas passam a adotar mais responsabilidades nas atividades domésticas, como cuidar de outras crianças, preparar o almoço e até lavar roupa.

O cotidiano das mulheres da comunidade do Igarapé Combu, que vivem à margem do rio, é de total dependência do mesmo, para lavar roupa, realizar compras (em Belém), levar as crianças no posto de saúde, isso se torna um trabalho mais cansativo. A rotina e a dependência do aumento no nível das águas para realizar as atividades é desafiador. Por exemplo, 98% das entrevistadas considera lavar roupa a tarefa mais árdua por ser ainda realizada na beira e/ou por ser uma atividade realizada apenas por elas. Fechine (2008) ressalta a relação das atividades agrícolas com as populações ribeirinhas, pois tem vida marcada pela presença da floresta, dos rios e igapós e que estas atividades são organizadas de acordo com o período de cheia (águas altas) e o período da vazante (águas baixas).

Fechine (2008) ao abordar sobre “cotidiano e o trabalho das mulheres ribeirinhas” analisa que:

[...] a atribuição de papéis distintos para homens e mulheres é flexibilizada dependendo da cultura e do tempo histórico vivenciado por cada um. Nas comunidades ribeirinhas, a família passa a se constituir na unidade mais importante nesses processos sociais básicos de um sistema organizacional familiar e os procedimentos rotineiros delineiam a vida de todo o grupo.

É importante destacar ajuda mútua entre as mulheres pela proximidade das famílias, as novas famílias constroem suas casas no mesmo lote, como explica Mota (2014): “após sucessivas gerações, há um redimensionamento da relação entre grupos domésticos e o acesso aos recursos, porque há maior número de pretendentes a um lote e uma menor disponibilidade de terra e floresta”.

As mulheres participam ativamente no extrativismo do açaí, cacau, do peixe e do camarão e/ou realizam trabalhos não-agrícolas; as atividades domésticas ainda são realizadas por elas, mesmo que em algum momento seja assumida por outro membro da família, as mulheres ainda atuam em todas as tarefas.

O quadro 1 foi sistematizado conforme as rotinas das dezenove entrevistadas, as quais não se diferenciam uma das outras; mostra o uso do tempo das atividades domésticas e a intensidade de dedicação de cada membro da família. As tarefas domésticas são de incumbência da mulher, como o preparo a alimentação, limpeza da casa e cuidar das crianças e lavar roupa. Torres e Rodrigues (2010) ao descrever as atividades domésticas da mulher em uma comunidade ribeirinha inferiram que “este tipo de divisão sexual do trabalho parece atender a um cânone de obrigação comum no âmbito da família amazônica”.

Quadro 1 - Uso do tempo das tarefas doméstica na comunidade do Igarapé do Combu, Ilha do Combu, Pará, Brasil.

Atividades Domesticas	Mulher	Homem	Crianças	Grau de intensidade	
Preparar o café da manhã	+++	-	-	Sempre ou a maioria	+++
Comprar comida	++	++	-		
Cuidar de animais	+++	+	-	As vezes	++
Arrumar e limpar a casa	+++	-	++		
Realiza almoço/jantar	+++	-	-	Raramente	+
Cuidar das crianças	+++	++	-		
Lavar a louça	++	++	++	Não faz	-
Lavar roupa	+++	-	-		

Fonte: Pesquisa de Campo (n=19 entrevistas na comunidade Igarapé do Combu, Ilha de Combu, PA, 2017).

Foi possível observar que atividades manuais, como artesanato e costura são comuns entre as mulheres mais velhas, o exercício dessas atividades é interessante economicamente para a família, pois reduz custos na compra de roupas. Como a comunidade Ilha do Combu é uma área de várzea, não há roça e nem plantação de hortaliças, entretanto, é comum a criação de galinha para o consumo e de algumas plantas ornamentais e medicinais em vasos.

4.2 Trabalho das mulheres da comunidade do Igarapé Combu

Quando foi questionado quais são as atividades de coleta e/ou extrativista realizadas pelas entrevistadas e qual dessas são destinadas ao autoconsumo⁴ da família e qual dessas são comercializadas, foi possível definir que a criação animal, como galinha e porco é comum nos grupos domésticos, e que a grande parte é destinada a alimentação da família, assim como a pesca realizada pelas mulheres. Há um grande envolvimento das mulheres com a atividade extrativista, na qual a grande parte é destinada para a comercialização.

O extrativismo do açaí foi a primeira atividade realizada na ilha, as primeiras famílias foram estabelecidas pelo extrativismo do açaí, e desde então a retirada dos frutos era realizada pelos homens e a debulha e limpeza eram realizadas pelas mulheres e crianças. Hoje, as mulheres extrativistas participam da cadeia produtiva do açaí, como debaste de estipes, da retirada dos cachos, além da debulha dos frutos. Segundo a Sra. Neusa Custódio, “antes as mulheres e as meninas, não entravam na mata para colher os frutos, elas esperavam na casa para debulhar os frutos, pois o pai (Gaspar Albano), falava que isso não era “serviço de mulher”. Ela conclui sua fala afirmando que só passou a trabalhar com o açaí quando casou, pois, o açaí era o principal sustento da sua família.

O destino principal do extrativismo do açaí é para abastecer a região metropolitana de Belém e já uma parte é beneficiada na ilha e vendida para os restaurantes da comunidade. O cacau (*Theobroma cacao*) vem ganhando representatividade na geração de renda, mas não é comum a venda do fruto *in natura*, apenas as amêndoas do cacau, em

⁴ Nesse estudo a produção para o autoconsumo alimentar conceituada por Gazolla e Schneider (2007), que compreende todo o tipo de produção, seja animal ou vegetal que é utilizada na alimentação do grupo doméstico correspondente de acordo com as suas necessidades.

razão que o principal destino é a fábrica de chocolate orgânico da ilha.

A pesca do peixe e do camarão é uma atividade importante para alimentação das famílias que vivem à margem dos rios. Na Comunidade do Igarapé Combu essa prática é bastante realizada pelas mulheres, porém as mesmas consideram uma prática apenas para o autoconsumo. Na verdade, a pesca em aspectos econômicos, como a venda é responsabilidade dos homens, na qual as mulheres não percebem igualdade de condições com o homem.

Outra questão levantada foi sobre a participação nas atividades econômicas acerca do turismo como trilhas, nos restaurantes e nos empreendimentos. Essas atividades se mostraram muito atrativa para as mulheres, a maioria já trabalhou ou ainda trabalha nesses empreendimentos turísticos, por ser outra forma de aumentar a renda familiar e pelo reconhecimento do trabalho, esses que vão além das atividades domésticas.

Cirilo (2013) contextualizou a atividade turística da Ilha do Combu, a qual teve o seu *boom* na década de 1990, com a construção dos primeiros restaurantes. Com o passar dos anos, além da construção de mais restaurantes, foram disponibilizadas pelos próprios proprietários desses restaurantes duas trilhas ecológicas em terra firme e uma fluvial.

O trabalho nos restaurantes tem o papel importante para a permanência das jovens nas comunidades, pois algumas não se identificam com algumas práticas e costumes da produção extrativista, procuram trabalhar como diaristas em casas em Belém ou na ilha. Mas o que mantém essa nova geração é a oportunidade de emprego nos restaurantes. Rêgo (2013) identificou a baixa frequência de indivíduos na faixa de 12 a 29 anos na ilha. Esse resultado deve-se, provavelmente, à migração para a capital em busca de educação e emprego.

O turismo também proporcionou o surgimento de empreendimentos relacionados a culinária, produtos alimentícios regionais e ambientes de lazer. Esse interesse na culinária é algo que algumas mulheres vêm buscando se especializar na elaboração de comidas regionais, a motivação é a grande procura turística gastronômica na comunidade do Igarapé Combu. Outro investimento para geração de renda é o transporte turístico.

Nas fontes de renda das mulheres entrevistadas foram incluídas atividades consideradas mais para o autoconsumo, pois são estratégias de poupar recursos financeiros e também uma fonte alternativa de renda através da venda do excedente da produção. Segundo as informações, a maioria das mulheres são pluriativas, ou seja,

combinam ocupações em atividades agrícolas com outras não-agrícolas, dentro e fora da propriedade.

Nas atividades que não estão inseridas no espaço doméstico, o trabalho mais expressivo é a prestação de serviço nos restaurantes, e entre as tarefas mais ocupadas por mulheres estão: lavar louça, limpeza do local, atendente e cozinheira ou auxiliares de cozinha. A maioria das entrevistadas são contratadas nos períodos de férias e feriados prolongados. Esse tipo de trabalho é caracterizado como diárias, a qual é contabilizado o trabalho correspondente ao dia prestado. As contratadas não têm benefícios trabalhistas. Lunardi (2012) expôs essa problemática “além do caráter doméstico do trabalho realizado pelas mulheres no turismo rural, esse trabalho não traz nenhum benefício previdenciário, férias, 13º salário, auxílio maternidade, etc., para as mulheres contratadas”. No quadro 2 abaixo, apresentamos as atividades geradoras de renda realizadas pelas entrevistadas.

Quadro 2 - Atividades de trabalho realizadas pelas mulheres da comunidade do Igarapé do Combu, Ilha do Combu-Pará.

Aonde trabalham?	O que fazem?
Extratativismo	<ul style="list-style-type: none"> • Açaí • Cacau • Peixe • Camarão
Restaurante	<ul style="list-style-type: none"> • Cozinheira • Garçonete • Serviços gerais de limpeza
Empreendimento	<ul style="list-style-type: none"> • Restaurante • Barqueira • Venda de comidas
Trabalho autônomo	<ul style="list-style-type: none"> • Artesanato • Costureira • Diaristas
Funcionalismo Público	<ul style="list-style-type: none"> • Professora • Serviços gerais • Agente de saúde

Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

Por conta dessa vulnerabilidade da renda ocasionada pela sazonalidade dos serviços prestados, o programa Bolsa Família se mostrou essencial para o sustento da família, além de garantir a escolaridade das crianças e dos jovens, já que na comunidade

a escola é de 1º a 4º série do ensino fundamental e para as crianças continuarem os estudos precisam ir até Belém.

4.3 Mudanças que ocorrem com relação ao trabalho e a identidade das mulheres

A importância de análise de trajetória das mulheres fará entender se houve mudanças com relação ao trabalho que elas desenvolvem e a construção da identidade que expressam. O trabalho, no rural amazônico, é cultural, simbólico e dinâmico. O cultural e simbólico, são as atividades passadas por gerações, interligadas com os saberes tradicionais. No que diz respeito ao trabalho dinâmico, descrito aqui, são as oportunidades que surgem naquele local, geralmente trabalhos não-agrícolas. Isso redefini a identidade dessas mulheres (MESQUITA e ALMEIDA, 2017). Para Sales e Porro (2014) um aspecto do campesinato amazônico é a dinâmica de transformações do espaço rural e de imposições de políticas públicas que ameaçam esse modo de viver.

Sobre as mudanças do modo de viver dos moradores da Ilha do Combu, Batista (2010) revelou ser particular de cada morador, seja com relação ao trabalho, estudo, religião, família e a própria condição de vida durante esse processo histórico de espaço-tempo. A flexibilidade das condições diversas dos povos da Amazônia permite entender as mudanças ocorridas na Comunidade Igarapé Combu, seja de trabalho ou do modo de viver. Segundo Harris (2006) *“Os ribeirinhos é um “sistema adaptativo,” pois suportou condições desfavoráveis tanto ambientais como históricas”*. A “instalação” do turismo na comunidade fez com que a comunidade se adaptasse às normas e condições sociais que surgiram.

A figura 2 representa a trajetória de vida da Sra. Neusa Custodio e suas duas filhas, mostrando a perspectiva de trabalho e as mudanças que ocorreram. Na primeira (1º) trajetória o extrativismo é presente desde criança, com a limpeza dos frutos extraídos e a debulha dos frutos de açaí, ele foi o seu principal sustento da família. Já na segunda (2º) trajetória houve o desligamento com os costumes e práticas agrícolas, a entrevistada mudou-se para a cidade de Belém em busca de emprego, na qual foi diarista e depois retornou à comunidade. Hoje, mesmo que a extração do açaí e a pesca sejam presentes na sua rotina, a fonte de renda é a prestação de serviços em restaurante. A terceira (3º) trajetória é da filha mais nova da Neusa, a qual se dedicou aos estudos, atualmente

também trabalha em restaurantes da ilha, e afirmou que nunca teve interesse no extrativismo ou em qualquer atividade agrícola.

Os jovens estão buscando novas alternativas de trabalho, diferente das oportunidades que seus responsáveis tiveram em relação a escolaridade. As jovens entrevistadas querem concluir os estudos e almejam o ensino superior ou já fizeram. O fato delas estarem envolvidas com a cultura local e pertencerem àquele contexto social, faz com que busquem estratégias para aumentar a renda familiar e por novas alternativas de autonomia.

Esse fato também foi encontrado na tese de Lunardi (2012), que destaca que o “investimento no turismo rural se justifica, exatamente, pela tentativa de possibilitar a permanência dos filhos nas propriedades, e isso foi demonstrado nos depoimentos de todas as famílias que possuem filhos jovens”, isso também cabe análise para prestação de serviços no turismo rural.

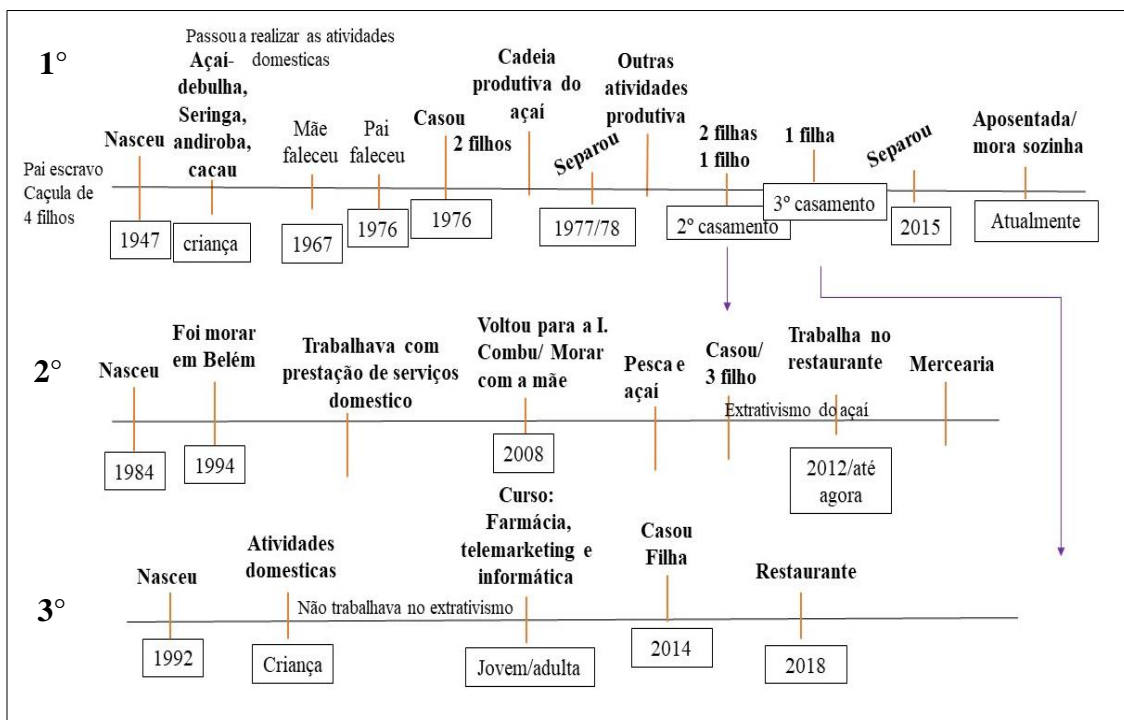


Figura 2-Trajétoria de vida de duas gerações de uma família e as mudanças que ocorrem em relação ao trabalho.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

A comunidade do igarapé recriou o seu ambiente, surgiram novas oportunidades de produção econômica, por conta da proximidade da região metropolitana de Belém, o turismo se instalou, que fez o modo de vida das mulheres mudar também. A relação com o rio, a terra e a floresta, ainda é viva nas pessoas com a idade mais avançada, ao relatarem como a ilha era quando seus pais chegaram e a história da família, traz à tona o sentimento do que é ser ribeirinho e se assumir com essa identidade.

As novas famílias que vão se criando a margem do rio não se identificam como tal. As mulheres de faixa etária entre 18 a 25 anos não se reconhecem como ribeirinhas, nomeiam-se como dona de casa, extrativista ou pescadora, o fato é que não se criou alguma identidade como ribeirinha. É que para algumas das mulheres pesquisadas, ser ribeirinha é apenas o fato de viver na beira do rio e não compreendem como um modo de vida, sujeito de transformação do espaço e que atuam nele.

A presença do turismo na ilha gerou na comunidade uma mudança da identidade e a relação dos moradores que vivem na margem do rio. Conforme percebe-se no relato da Dona Neusa quando diz que “o principal agravante do turismo foi a perda da privacidade local, que faz a gente ficar dentro de casa”. Isso também foi exposto na pesquisa de Cirilo (2013) identificando que “muitas são as queixas dos moradores em torno da atividade turística. A movimentação de embarcações provoca a destruição de apetrechos de pesca, a erosão das margens e a perda da privacidade”.

A forma que o turismo foi se desenvolvendo na ilha tem gerado novas formas de trabalho e de renda, e para algumas famílias é a chance de construir um empreendimento, no geral esses empreendimentos são de perfil gastronômico, como os restaurantes.

Relativo ao trabalho que essas mulheres realizam nos restaurantes, algumas reclamaram da sobrecarga de trabalho, pois são contratadas para tarefas de limpeza e organização do ambiente e como o pagamento é contabilizado pelo dia de trabalho, acabam se tornando em uma dupla jornada de trabalhos.

4.4 Aspectos socioculturais

Não foi encontrado um espaço de lazer para as famílias ou espaços de interação, apenas a igreja, posto de saúde e a escola. Sendo a igreja considerada como um espaço de lazer, diferente do posto de saúde e a escola, pois assumem que é uma obrigação, por

terem que levar os menores a esses espaços são aonde encontram outras mulheres. Porém, é válido analisar que o ambiente religioso é organizado por figuras femininas, seja no aspecto organizativo das atividades sociais e da reparação do espaço. Torres e Rodrigues (1993 *apud* MAUÉS, 2010), consideram que “a atuação da mulher no campo religioso se limita a ser uma espécie de extensão de suas atividades domésticas”.

Ao questionar o tempo de descanso das entrevistadas, elas relataram que antes reservavam o fim de semana para o descanso, porém atualmente isso não é possível, por causa do barulho dos bares e da frequência dos barcos que levam os turistas para os restaurantes. Já os homens no tempo de lazer ou descanso têm atividades como futebol e jogos de baralho, as mulheres não participam desses espaços.

Outra necessidade na comunidade é sobre a saúde preventiva das mulheres, elas questionaram o fato que o posto de saúde não dispõe de consultas e exames ginecológicos. Batista (2010) apontou que apesar da proximidade com a capital, a infraestrutura básica da ilha é insuficiente e causa algumas dificuldades à população e o posto de saúde da ilha, atende também a Ilha de Murutucum e a Ilha Grande por isso não supre o atendimento necessário, dos moradores da Ilha do Combu.

No sentido organizativo, as mulheres não participam das reuniões da associação e também não há movimentos sociais para elas, na qual lutem por transformação social e que tenham acesso a políticas públicas. Mas demonstraram interesse se tivessem espaços para socialização, para compartilharem experiências de trabalho e formação, pois gostariam de cursos para desenvolverem novas práticas que gerem renda, como culinária, artesanato e cultivo de hortaliças suspensas.

5. Considerações finais

Houveram mudanças nas relações de trabalho e muitas mulheres assumiram-se como as responsáveis do sustento da casa. Porém, mesmo tendo representatividade nos trabalhos extrativistas e nos trabalhos relacionado ao turismo, as atividades domésticas ainda são em grande parte realizadas pela as mesmas.

As oportunidades de trabalho em decorrência do turismo, contribuíram para a dinamização da economia da comunidade e novas formas de trabalho para as mulheres. Além disso, gerou o aumento da autoestima, pelo processo de reconhecimento social e geração de renda que os cargos lhes proporcionaram.

Houveram mudanças significativas na relação de trabalho e o modo de vida dos moradores da comunidade do Igarapé Combu, mesmo que muitas das mulheres tendenciem a buscar novas possibilidades de geração de renda, as mudanças trouxeram para elas autonomia e representatividade econômica e social. O extrativismo ainda é a principal prática cultural dessa população, pois o turismo cresceu por consequência da paisagem característica da comunidade e as mulheres têm o papel importante nessa prática, seja como fonte de manutenção da natureza, no cuidado e limpeza das áreas, também como agentes ativas na economia que o extrativismo proporciona.

Estudar o cotidiano e as relações estabelecidas na divisão de papéis no contexto das comunidades ribeirinhas, possibilitou compreender a relação de trabalho entre homens e mulheres, mas principalmente reconhecer as atividades domésticas como trabalho e a participação das mulheres na economia da família e da comunidade.

Ainda há muito que se estudar sobre o trabalho das mulheres ribeirinhas das ilhas próximas à Belém, as relações de gênero e a participação no desenvolvimento socioeconômico das comunidades. Essa pesquisa contribui para entender e reconhecer o trabalho das mulheres ribeirinhas, seja ele no âmbito doméstico seja no produtivo. A partir disso, é necessário que surjam novas pesquisas que possibilitem conhecer o modo de vida das mulheres Amazônídas e as novas formas de trabalho que aparecem. No que tange a questão de gênero é preciso levar o diálogo para as comunidades sobre essas relações e a organização social; essas são questões substanciais para maior valorização do trabalho das mulheres, superando estigmas e imposições.

Por fim, a comunidade do Igarapé Combu carece do envolvimento dos gestores responsáveis pela a Unidade de Conservação, pois o turismo vem crescendo desenfreadamente pelo próprio incentivo da região metropolitana, na qual as vidas das famílias sofrem impactos negativos, por perderem suas práticas tradicionais e de identidade. As mulheres são as mais afetadas, por não terem privacidade para realiza suas atividades à margem do rio, além dos possíveis assédios com as menores devido a frequência de desconhecidos na comunidade.

Referências bibliográficas

AMARAL, Waldileia Rendeiro da Silva. No vai e vem das marés, o movimento da vida: mulheres, família e trabalho na Ilha de Quianduba, Abaetetuba/PA. 2016. 240 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Belém, 2016.

ARO, Daniele Torres; FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. Mulheres Assentadas: da Invisibilidade ao Protagonismo. **Retratos de Assentamentos**, v. 16, n. 1, p. 199–226, 2013.

BATISTA, Sônia Socorro Miranda. **O modo de viver como um instrumento de resistência do saber popular dos moradores da Ilha do Combu, Belém-Pará**. 2010. 115 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) da Universidade Federal do Pará. Belém, 2010.

CAMPOS, Chistiane Senhorinha Soares. **A face feminina da pobreza em meio a riqueza do agronegócio: trabalho e pobreza das mulheres em territórios do agronegócio no Brasil: o caso de Cruz Alta/Rs**. 1 ed. Buenos Aires: CLACSO, 2011. 208 p.

CIRILO, Brenda Batista. **O processo de criação e implementação de unidades de conservação e sua influência na gestão local: o estudo de caso da área de proteção ambiental da ilha do Combu, em Belém/Pa**. 2013. 197 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2013.

CÔRTE BRILHO, Silvaneide Santos de Queiroz. **Dinâmica Econômica e Social na Amazônia Rural: o Protagonismo do Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém – MMIB (PA)**. 2015. 184 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo-Campinas, 2015.

DERGAN, João Marcelo Barbosa. **História, memória e natureza: as comunidades da**

Ilha de Combu. 2006. 217f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia). Centro de Filosofia e Ciências humanas – Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

FECHINE, Elaine Filgueiras Gonçalves. Condições de vida e trabalho das mulheres ribeirinhas do rio Madeira. Porto Velho: Fundação UFRO, 2008. Disponível em:<<http://itaporanga.net/genero/1/GT10/08.pdf>>. Acesso em 20/07/2018.

GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio. A produção da autonomia: os " papéis" do autoconsumo na reprodução social dos agricultores familiares. **Estudos: sociedade e agricultura. Rio de Janeiro, RJ. Vol. 15, n. 1 (abr. 2007), p. 89-122, 2007.**

HARRIS, Mark. Presente ambivalente: uma maneira amazônica de estar no tempo. **Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade. São Paulo: Annablume, p. 81-108, 2006.**

LUNARDI, Raquel. **Mudanças nas relações de trabalho e gênero no turismo rural.** 2012. 222f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed.-São Paulo: Atlas, 2003.

MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni. Orientações básicas para a pesquisa. Serviço Social e saúde: formação e trabalho profissional. São Paulo: OPAS, OMS, Ministério da Saúde, 2006.

MOTA, Dalva Maria. Família e grupos domésticos na Amazônia Paraense. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 31, n. 2, p. 289-314, 2014.

MESQUITA, Livia Aparecida Pires; ALMEIDA, Maria Geralda. Territórios, territorialidades e identidades: relações materiais, simbólicas e de gênero no campo. **Revista geonordeste**, n. 1, p. 02-16, 2017.

MESQUITA, Livia Aparecida Pires. Relações de gênero na Comunidade Rancharia: o trabalho das mulheres na agricultura familiar. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 5, n. 1, p. 98-113, 2013.

PEREIRA, Rosângela Saldanha; RAMBLA, Francesc Xavier. Pensamento econômico feminista sobre desenvolvimento: breve viagem. **Revista de Políticas Públicas**, v. 14, n. 1, 2011.

RÊGO, Manoel Cristino do. **O uso de indicadores de sustentabilidade na gestão ambiental de unidades de conservação: estudo de caso da APA da Ilha do Combu, Belém/PA**. 2013. 67f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Pará, Centro de Ciências Naturais e Tecnologia, Belém, 2013.

RODRIGUES, Débora Cristina Bandeira. Organização e trabalho das mulheres ribeirinhas amazônicas: um estudo nas comunidades de Santa Luzia e São Lázaro no Grande Lago de Manacapuru/AM. **Retratos de Assentamentos**, v. 18, n. 1, p. 113-134, 2015.

SALES, Sammy Silva; PORRO, Noemi Sakiara Miyasaka. Campesinato, identidade e memória: os tiradores de açaí ou como colocar-se no mundo. **Novos Cadernos NAEA**, v. 17, n. 1, 2014.

SILVA, Carolina Braz de Castilho; SCHNEIDER, Sérgio. Gênero, trabalho rural e pluriatividade. **Gênero e geração em contextos rurais. Florianópolis: Ed. Mulheres**, p. 183-208, 2010.

SILVA, Carmen; PORTELLA, Ana Paula. Divisão sexual do trabalho em áreas rurais no Nordeste brasileiro. SCOTT, RP e CORDEIRO, R. de LM (Org.). **Agriculturas familiares e gênero: práticas, movimentos e políticas públicas**. Recife: UFPE, p. 127-144, 2004.